

Aeroporto

— *Raquel Garcia
D'Avila Menezes*

BIOGRAFIA DA AUTORA

Licenciada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. Professora de Alemão como Língua Estrangeira que, nas horas vagas, costura ou escreve contos.

RESUMO DO TEXTO

Para ver o mundo que nos cerca, é preciso primeiro ser capaz de olhá-lo.

Nasci lá em cima, naquela cidade quente de meu Deus. Depois, me mudei mais para o meio, para a cidade que não para. Em seguida fui para a cidade cheia de malemolência e cheiro de sal. Anos se passaram até eu decidir passar um pouco de frio lá embaixo. Eternamente insatisfeita, fui buscar um pouco de neve, mas acabei por voltar para onde a batata perde para a tapioca. Estou agora entre as nuvens, gastando tempo observando como os outros vêm e vão.

Aos que me perguntam qual a minha cidade favorita, digo que é qualquer lugar de passagem. Quando viajo, gosto de observar os que estão com pressa; aqueles que correm com a mala troncha e cheia de roupa que não vai ser usada; os que estão há tantas horas esperando, que quase tomam a forma da cadeira. Tem sempre o senhor de terno e gravata e maleta preta na mão. Na esquerda, carrega o celular, que ora vai aos dedos, ora vai às mãos. Tem também a mulher que está com as unhas vermelhas passando as folhas de um livro da Judith Butler, enquanto olha de canto de olho com certo desdém para o namorado, que calça um par de chinelos velhos.

Gosto muito das crianças, que, indiferentes ao tumulto dos adultos, conseguem inventar que canudo é herói que usa capa feita de guardanapo. Elas têm a incrível capacidade de fazer amigos como quem acha fios de cabelo pelo chão de casa.

O mesmo acontece com um idoso, que perguntado se “tudo bem?” responde que estava bem até lutar na guerra. “Antes, era tudo mato, minha filha. Agora, já não entendo mais essas pessoas de hoje em dia!”. A vendedora concorda e se afasta, certa de que não fará a venda, da qual precisa para aumentar a comissão no fim do mês.

O mais fascinante é ver como lida um viajante com um país que lhe é estranho. Ele não fala aquela língua das placas. Pede informação, mas ninguém o entende. Arrisca umas palavras em qualquer outro idioma que lembra da época da escola, mas nada. Mesmo assim, se faz entender. Ri, gesticula; agradece e segue para o seu portão de embarque. A risada é substituída por seriedade na expressão de imigrantes e refugiados, que parecem prever uma vida de gestos e mímicas.

Enquanto vivo no não lugar, vivencio todos os lugares. Pequenas doses semanais do alheio distante e diferente de mim. A ponte aérea me permite ver o mundo através dos outros. E cada passagem de minuto me mostra que mesmo sendo tão singulares, somos, no fundo, as mesmas pessoas. Pessoas que trabalham e estudam, que se divertem e choram, que buscam, mais que tudo, ser elas mesmas e uma história para contar.

Conto, aqui, a história delas, para poder, então, contar a minha. A história da viajante.

